O Regresso do Morto

Ngilina, tu vai morrer

Assim é vida? Insultos sempre-sempre, trabalhar todo

o dia do xicuembo parece burro de puxar nholo,

muinto porrada assim parece mesmo boi de puxar

charrua. Chaga na bochecha, boca inchada, nariz arranhado,

dentes partido, é vida mesmo? Assim não é vida,

não. É melhor morrer mesmo. Morrer é mesmo

bom. Tudo acaba, rudo. Sim valapena morrer ... Mas é

assim vida de mulher. Paciença ... Só o xicuembo sabe ...

Assim é maneira que Ngilina fala com o seu

coração. Esse seu coração inchado no peito, pesado

na garganta, a fechar a boca. Lágrimas caladas

molham as faces.

Ngilina limpa as lágrimas na sua capulana de

xigueguepau com gravura de uma mulher forte no

meio de milho. Tem pena sim.

Ngilina 'stá pilar parece máquina de moer farinha.

O pilão faz dú, dú, dú.

Espalha-se na quietude essa voz do pilão, quebra

a paz que salta do sol detrás da palhota, a cair

entre as copas das micaias vermelho parece tomate

maduro.

Pau-de-pilão sobe, pau-de-pilão desce, pau-de-

pilão sobe, pau-de-pilão desce. O corpo da Ngilina

também sobe também desce. Parece vara verde é

manera qu'stá subir-descer.

Mas a pilar assim, olhos sempre no pilão, a bater

sempre de manera igual, muinto muinto Ngilina parece

mesmo máquina de moer farinha.

A voz do pilão foge para o mato. A sombra do

pilão e da Ngilina cresce, fica comprido. Os seios

pequenos na sombra são grandes mas só saltam

um mucado só. Ngilina pila. A sombra também pila.

Ngilina pára. A sombra também pára. Zombeteira,

imita a Ngilina que esfrega saliva nas mãos. Esta

e todas as outras sombras crescem silenciosamente,

abraçam-se para dançar xigubo do pilão da

Ngilina.

A noite vai chegar mesmo. O homem da Ngilina

vai voltar.

É preciso ferver ncancana depressa, botar amendoim.

Ferver água, botar um mucado de farinha de

milho que agora começou a peneirar. Esperar mucadinho.

Mais farinha. Depois mexer com libôndzo até

ficar wusua, servir e pôr na mesa. Não esquecer

moringa de água para beber. Não esquecer piripíri,

água na bacia e toalha. Não esquecer nada mesmo,

nada. Mas prímeiro água no balde na casa de banho.

Depois de ele banhar, ir ajoelhar com respeito

e dizer:

- Tatana, vai comer.

Agora falta mucado só. Ngilina acompanha a

dança da peneira nos dedos com uma cantiga. Mas

como cantiga assim parece choro de rola, parece

lamento de xivambalana?

Esta cantiga é mesmo choro de rola picando o

coração da savana, gemido do coração inchado

daquela minina.

Mas porquê esta vida Ngilina?

Ngilina tinha só dezasseis anos quando o marido,

um homem da idade do pai e gaíça na altura

reuniu com os pais na palhota grande.

Só depois dessa reunião ela soube que estava

lobolada. Não queria.

Mas o pai queria. Mandava.

Ngilina nunca até ali dormiu com homens e

nunca mais gostou desde aquele dia em que o

marido a possuiu. Mas ele queria sempre, todos os

dias. Como diria não, se lhe pertencia? Acordava

com dores na coluna, nas ancas, na cabeça, todo o

corpo. Como diria qu'stou doente? Lá estava a sogra

-. - aquela velha maldita - a dizer: tu, lenha; tu,

água; tu, balde de barro na cabeça; tu, enxada; tu,

panela de barro no lume; tu, pratos lavados ...

E ainda a chamá-la preguiçosa, preguiçosa, preguiçosa.

Todo o dia do xicuembo.

Evocava o lobolo que o filho gastou.

Um ano passou. O marido começou com zangas.

Diz Ngilina não nasce filhos. Não sabe por que

a lobolou. Não é mulher. Bate-a por tudo e por

nada. Com cinto que tem ferro, com paus, com

socos, com pontapés, com tudo. Coitadinha, Ngilina,

era uma minina xonguile mas agora ficou velha

num ano só. Ngilina é xiluva que murchou.

O corpo dói, sím, mas dói é muinto muinto o

coração. O coração 'stá inchado, vai rebentar no

peito. Ngilina, tu vai morrer. Pode ir para casa descansar

sofrimento. Mas qual manera se o pai comeu

todo o dinheiro do lobolo no nthonthontho e no

vinho do monhé da vila? Yotatanéé, é melhor não

pensar nada.

Naquele dia, quando o marido voltou, a sogra

fez queixa. Disse Ngilina 'stava com mufanas no

poço quando ia caretar água! Y oué! Aquilo não foi

bater não.

Os dentes ficou partido. Quase Ngilina queria

morrer, faltou mucadiiinho.

Ngilina acordou cedo. Pegou na corda e no machado. Parecia que ia na lenha. O sol encontrou-a

no caminho. Chegou no mato andando devagarinho.

Subiu no canhoeiro, amarrou corda no ramo

e a outra ponta no pescoço. Depois largou-se no ar

e ficou a lengalengar.

Morrer é fácil. É mesmo bom. Ngilina dorme o

sono de xiluva no meio da selva. Ngilina foi xiluva

que murchou.

No mato, os bichos lutam e amam. O choro da

rola é choro de verdade mesmo. E todos os outros

bichos do mato vão também chorar Ngilina. Ela tem

agora o pescoço na corda tesa. Embora os olhos

muinto abertos, dorme o sono de nunca acabar.

Nunca, nunca mais.

Tem pena sim.

Mamanôô. Youé.

**Laurinda, tu vai mbunhar**

A padaria olha a rua de alcatrão. Esse alcatrão

a ferver nos pés nus da Laurinda. Mas Laurinda não

sente o sol a derreter no alcatrão, a arder no zinco,

a subir da areia vermelha da rua que entra, com

seus grãos de ouro e diamante a brilhar, na salada

de linhas, cores e odores do subúrbio.

Foi seguindo a rua que, ao rés-do-muro, a Laurinda,

nadando contra as ondas da bicha, veio dar

no alcatrão.

O alcatrão ferve. Laurinda não o sente. Como

querem que ela sinta o alcatrão se a cabeça dela

está cheia de pão? O pão rouba força nos joelhos,

cega os olhos, gira o juízo da Laurinda.

No balcão, uma onda incha, cresce, vem bater

no peito da Laurinda. Depois, outra onda, e outra,

e outra, outra ... O balcão fugindo para longe. Na

onda seguinte, quase Laurinda queria naufragar.

Agarrou numa tábua - a anca da mulher a quem

seguia - e seguiu o dorso da onda.

Os mufanas tentam entrar na cabeça da bicha. E,

quando isso acontece, bicho que é, a bicha fica a

mexer o corpo como a maria-café.

As mamanas gritam:

- Anga kone! Anga kone, la!

Os olhos da Laurinda procuram <milícias". Onde 'stão? O selViço deles afinal é qual? Ahã! São 'sperto:

chega parece qu'stá ver bicha, vai no balcão, enche

saco com pão, vai mbora a rir com olho, porque tu

que dormiu na bicha é mamparra. É bom assim? É

bom mesmo? Onde tem unidade? Onde tem vigilância

dele? ... Agora 'stá ver?! Não é miliça esse que vai

com pão a rir com uma minina? Malandro! miliça de

nclitchi só.

A raiva aperta a garganta da Laurinda, sobe na

cabeça, desce nos braços. As unhas da Laurinda,

cheias de raiva, de novo, como garras de caranguejo,

mordem as ancas da outra. A vítima salta de dor ,

grita, diz coisas sujas. Agora parece vai bater mesmo

Laurinda.

Não tem razão: ela não vê que a bicha é um

cortejo de caranguejos enormes, esfomeados, um ao

outro agarrados, abatido por ondas? Qualquer caranguejo

que não se agarre ao outro é atirado fora do

cortejo. É assim mesmo: ela tinha deixado de agarrar

para ameaçar a Laurinda mas é a própria

Laurinda quem a ampara para não ser cuspida fora

da bicha. Foi água no fogo da zanga dela: só então

viu que fazia parte de um cortejo de caranguejos.

Já não há ondas. O balcão está longe e a bicha

parou. Os caranguejos relaxam as garras. A bicha

parou. Anda, bicha. Nem pó! Anda, bicha! Nem

sonhar. Quando anda, anda para trás ou para o

lado: é assim que andam os caranguejos.

- Está a ver aquela aí? - pergunta a vizinha.

Laurinda não responde. Os olhos foram para

longe. Foram à cuca de quê?

Chegou era de madrugada e as pessoas, vozes

no escuro. Deixou o cesto na bicha e foi esfregar

dentes com mulala. Viu sombras no muro.

Atrás da padaria, saíram outras sombras, cabeçudas.

As sombras trocaram as cabeças. As cabeças

pequenas passaram para dentro do muro e as sombras

fora do muro, já com cabeças grandes, avançaram

no escuro. Laurinda chegou perto: é pão que

tem ná cabeça. Pão dele não é esse de cem meticagi

no muchololi?

As sombras com cabeça grande desapareceram.

Uma outra sombra, sem cabeça, saiu da padaria.

- É pessoa? - perguntou a sombra.

- Sim, é - respondeu a Laurinda.

- 'spera o quê? Quer pão?

- Sim, quer.

A sombra pensou um bocado e disse:

- Se quer pode ir com pão, não precisa ir na

bicha. É só intender comigo.

Laurinda mordeu o lábio.

- Ntender o quê?

- **Tu** sabe ...

- Eu sabe? Sabe o quê? Eu não sabe nada.

- Faz-me lá um jeito ...

Laurinda mordeu, outra vez, o lábio, com força.

Sentiu o sangue na língua. Que o sangue sabia a

sal, há muito, sabia. Mas misturado com raiva tinha

um sabor novo, um sabor de merda. Explocliu:

- Sacana! Eu não me vende com pãozinho! Eu

não é puta, ouviu? Tem marido, tem filhos, eu. Eu ...

eu ... - batia com a mão no peito - eu não é cadela,

ouviu? Você és moluene! Vai-te subir, moluene!

Mbuianguana! Agora qu'stá massar trico quer

dormir com mulher de dono. Não tem virgonha!

Em cima da sombra, nasceu uma cabeça humana.

A sombra afastou-se, de cabeça baixa, envergonhada.

Laurinda lembra isto com raiva. Quer contar à

outra. Para quê?

Para ela fazer o quê com isso? Não vê que parece

ela também não bate cem?

- Estragam o lar dos outros - é a outra, ainda

a falar dos <milícias".

Laurinda concorda pensando que a outra fala

dos padeiros.

- Eu estava em Combomuni. - Chi, como fala

esta mulher! - Os miliças de Combomuni são

miliças de verdade mesmo. Bateram Simit. Não são

de nditchi, não.

Há uma onda; a bicha anda. Mas mesmo um

enterro anda mil vezes mais depressa. Mas anda. Já

é bom. Laurinda não está longe de comprar. Pois,

não está longe do balcão. O balcão é pão. Anda,

bicha! A bicha anda. Anda, bicha! A bicha anda.

Devagariiinho. Anda, anda, pára. Complica-se.

Os mufanas que já compraram gritam:

- Muta mbunha! Muta mbunha!. ..

Laurinda, tu vai mbunhar. Tu vai mbunhar! E se

mbunhar? Teus ftlhos não vai comer nada. Eles vai

chorar, não sabe tudo é difícil. Tem razão, é pequenos.

O Zeca muito muito.

Uma voz sobe:

- Acabou pão!

Laurinda quer cair, Laurinda ficou vazia como

saco de pão sem pão. Não tem força nenhuma, não

tem cansaço, nada lhe dói, nada quer a não ser

uma parede, uma árvore para se encostar. E ficar.

- Vô hemba, amahelanga! Amahelanga!

Vejam, afinal é mentira! Ainda tem pão! Pão!

Pão! Pão!. ..

A esperança renasce no coração de Laurinda como

rebento de lhongue debaixo da cinza cacimbada.

Laurinda tem o cesto debaixo do braço. O cesto

pesa. Está cheio de pão. Será mesmo pão? Pão vindo

donde? Cheia de pão é cabeça dela. O seu coração

grita: Pão! Pão! Pão!. .. Um grito calado, que seca

a garganta, gera estrelas nos olhos, racha a cabeça.

Será que agora a bicha anda? É a bicha que

anda ou a cabeça dela que gira? É a bicha que

andou. Nos olhos da Laurinda já não há estrelas, há

bicha, 6 balcão que é pão.

Há, no ar, uma voz:

- É o último saco!

O pão vai acabar mesmo. Laurinda, tu vai

mbunhar. Tu vai mbunhar, Laurinda.

E se mbunhar? Hiúúú! E se mbunhar?

Agora, as ondas batem de todos os lados. Os caranguejos,

com seus braços de alicate, agarram-se, anca

a anca. Porém, há um caranguejo já sem força para

agarrar. Cede. É atirado para um canto: é a Laurinda.

O saco está no fim. Já nenhum caranguejo segura

o outro. Estendem os braços, no ar, para o

vendedor.

- Vou dar quem?

Eu! Eu! Eu! Eu! Eu! Eu! Eu!. ..

Todos gritam. A Laurinda não grita. Com alívio,

encosta-se na parede. Está na margem, onde as

ondas não batem. Mas os olhos pedem; o mesmo

grito calado, profundo: Pão ... Pão ... Pão ...

- Vou dar quem?

Os olhos do homem são xindjendjendje que voa

e poisa de rosto a rosto. Agora chega no rosto da

Laurinda. O rosto da Laurinda é um ramo com

nembo. O xindjendjendje fica agarrado no nembo.

Bate as asas, bate, bate. Em vão.

O homem, dominado pelo feitiço dos olhos da

Laurinda, chama-a. Ela tira o dinheiro da ponta da

capulana. As mãos tremem e o dinheiro cai. O vendedor

pega no cesto.

Os braços dos caranguejos ficam monumentalizados

no ar.

Laurinda não mbunhou o pão.

**Nyeleti**

Olhai, por exemplo, uma papaieira. No fundo do

quadro, uma palhota. No meio, a cinza de uma lareira

que, há muito, esfriou - seu dono errou.

A papai eira guarda, com garra, do assédio dos

psindjendjendje, duas papaias, muito maduras, réplica

exacta de dois seios suculentos, susceptíveis de

cair à próxima, à mais ínfima, à mais remota carícia

do vento.

Nyeleti guardava para Foliche, o mais velho ftlho

de Mahomo, seu corpo xonguile, de se partir e se

juntar no seu andar de antílope. Foliche voltaria, um

dia, feito gaíça.

De Foliche, das suas malas e fardos de gaíça, o

pai da Nyeleti queria fato e gravata, sapatos e hop-

stick. Dele viria o mucume, o lenço para a Mabana,

a mãe da Nyeleti, a nkeka e o frasco de rapé para

a velha Magugu, mãe do pai de Nyeleti. O centro

da roda dos madoda, no dia do lobolo, queria também

de Foliche, fora do relógio de brilhar como sol,

do anel de ouro, dos brincos pequeninos parece

gotas de orvalho, da roupa de valor, roupa fina

cheia de rendas, isto para a Nyeleti; fora do dinheiro,

fora de tudo isto, um garrafão de mulemela,

cheio até à garganta, de sape, o vinho branco. Por

isso, mufana Foliche foi na leva de contratados. Le vou, no peito cheio de coragem, uma saudade enorme

e duas lágrimas da Nyeleti, na hora de despedir.

Os olhos doces, o fogo a arder no peito, na raiz

de dois seios bicudos e rijos parece rebentos de

lhonguê, as ancas suaves onde, cobiçosos, encalhavam

olhos de homens velhos e novos, o útero cada

vez mais fértil cada vez que a Lua vinha partida,

tudo esperava Foliche, o mafundadjoni, como a terra

fértil espera a chuva.

Meiga que nem rola, o corpo requebrado nos

passos, a mais xonguile da terra, Nyeleti fez furor

nos homens e, nas mulheres, inveja.

Muitos ficaram pelo silenciar da dor, do desejo

que mbanguiava o juízo, que sufocava, que, pouco

a pouco, matava.

Outros, os mais arrojados, tentaram vezes sem

conta.

Nyeleti era mesmo nyeleti que brilha, uma luz

perdida no escuro horizonte da noite, que chama ,

que diz estar perto a casa que nos dará asilo, que

no entanto, ilude: anda-se, pede-se mais às pernas,

o chão oscila nos pés, a luz treme pertinho, o chão

desce torto. A luz desaparece, foge, para a esquerda.

O chão sobe. A luz está à direita. Treme

agora tão longe como no início. E há o zombo dos

pirilampos simulando, no mato escuro, cidades breves

como o amor dos pássaros. O viajante seguirá

o pirilampo e, mais tarde, ao descobrir a burla, estará

mais afastado que no começo. Mas, de novo,

com novo alento, buscará a luz almejada. Porém, é

vã a esperança que o anima: a luz brilhará sempre

no fundo da noite, inalcançável.

Do sorriso que se rasgava como a noite parindo

a madrugada, desses lábios rubros de mulala e dentes

brancos parece farinha de milho, o "não- saía do

mesmo modo que o cair da chuva de um céu sem

nuvens. Era coisa que doía, que esmagava.

Os rapazes viam a água, miravam-na com gana,

a sede crescia, mas, de tão profundo o poço, não

a alcançavam, não podiam bebê-la, e, vencidos,

caíam de sede. Era a Nyeleti a água que matava de

sede.

Certa vez, Malatana, um jovem pastor, herói das

lutas entre pastores, escondido nas micaias, surpreendeu

Nyeleti num pequeno lago.

Nua, Nyeleti brincava na água como os cisnes

que, uma vez por ano, descem dos céus para amansar

a fúria dos deuses do Nkomáti. Tinha na testa

a cor de cobre do sol da tarde e, no corpo, o mesmo

vigor, a mesma seiva das massaleiras depois da

primeira chuva. Toda ela era xiphatiphati, espelhos

quebrados de cacimba que as mandioqueiras trazem

das madrugadas.

Malatana recolheu no peito a magia daquele

corpo, e desde aí adeus sono, adeus o sossego da

alma.

Ficava no mato, a espiá-la no regresso do poço.

Nyeleti levava na cabeça a bilha de barro; no pescoço

de antílope, o colar de missangas vermelhas

incendiando as faces.

Depois, ganhou coragem: passou a esperá-la no

poço, ajudava-a a levantar a bilha, a pôr na cabeça.

Um dia, Malatana decidiu-se: falou de amor.

Nyeleti falava de Foliche.

- Eu te gosta muinto, Nyeleti - insistia. - Posso

também ir no mugodini, vou vir com lobolo, com

gramafone, com fogão e petróleo para você descansar

lenha, vou-te construir uma casa grande de pedra

com zinco de descer água no tambor para não

ir no poço ...

Nyeleti deixava que, ao dizer aquilo, ele lhe pe gasse a mão. O coração ia longe, ia buscar a casa

grande de pedra, caiada; em frente da casa, ela

costurava, colocava botões na roupa de Malatana.

As galinhas enchiam a casa. Eram galinhas mesmo,

é verdade, mas tinham a elegãncia e o esplendor

dos pavões. Cajus vermelhos e amarelos, acesos no

purpúreo cajueiro, ao lado da casa, eram flâmulas

de uma festa que lhe ia no peito, que a fazia sentir-

se uma grande patroa ...

Mas era um sonho, uma nuvem que mal passou

ela lembrou Foliche, libertou a sua mão da do

Malatana, pendulou lentamente a cabeça, e com os

olhos perdidos longe, nas micaias, disse:

-Não.

Malatana sumiu nessa mesma noite. Correram

rumores. Alguém, não se sabe quem, vira o rapaz,

de madrugada, no Nkomáti, abeirando-se das águas.

Os pescadores deixaram, na areia branca, as redes

de pesca. Barcos a motor, a vela, canoas, toscas

jangadas de chanfuta, fizeram-se à água.

Remaram até ao fim dos afluentes do rio, foram

até onde o Nkomáti entrava no céu, navegaram

no sol e, depois, na lua. Em vão: nenhum corpo escuro,

balofo, de olhos de vidro, perturbava o sossego

da magumba.

Alguém, outro alguém, nunca se sabe quem, vira

o Malatana, a corda na mão, à Clica, no mato branco

de cacimba, do mais rasteiro ramo de canhueiro.

Então, ofenderam a intimidade da floresta, caminharam

sobre tumbas seculares, pisaram potes e

arcaicas azagaias bantos, acordaram jibóias, venenosas

mambas, terríveis serpentes de pluma no

centro da cabeça, interrogaram macacos e manguços

e tudo vasculharam. Nada. As árvores, com

o testamento do vento, proclamavam inocência no

abanar das copas.

Depois, posto de lado o. caso, voltaram a agua

as redes de pesca; catanas, machados e armadilhas,

à savana; os arados, ao solo.

Há um tempo, o tempo da terra ciosa de chuva,

tempo do pássaro que anuncia:

,A-ma-ca-djôôô!. .. ,

E, um sopro a morrer lentamente:

,djooou ... '

Todavia, nesse ano, no lugar do anúncio de caju,

um assobio fino, triste de ferir a alma, soava no

silêncio dos campos que entravam na noite. Como

difuso navio, envolto na bruma, era o modo de

como os campos, na tristeza desse assobiar, entravam

na noite.

Ninguém sabia de onde vinha. Parecia um pássaro

a cantar na mafurreira próxima. Ia-se à mafurreira.

O assobio estava, agora, na mangueira.

Chega-se à mangueira. Já é no canhoeiro, depois na

massaleira, nas tranças das mbunguas, cada vez

para lá, no rubro das mahimbis, mesmo nos rasteiros

arbustos de mampsincha, até muito longe, nos

picos das micaias, nas lianas do mato fechado.

Porém, o certo é que o som vinha tanto do nascente

como do poente, vinha com a brisa do Nkoloane,

a norte, com o fumo doce da Maragra, mais

para sul. Brotava da própria terra:

,Ma-Ia-ta-nôôô! Ma-Ia-ta-nôôô!. .. '

Lamentava, afinal, o rapaz que, porque o amor

negado envenena, morreu de amor.

Também as rãs acolhiam as noites com rezas

ressoando na membrana líquida das lagoas.

Nas machambas, a maçaroca nascia filas de dentes

e deitava cabelo loiro; as abóboras jaziam, gordas

e doiradas a lembrar grandes pepitas de ouro;

a mandioca rasgava a terra, a mesma terra que dava

força aos seus músculos.

Partiram para longe as rolas, para as figueiras,

para o fundo da mata.

Chocariam os ovos, voltariam ao amadurecer das

espigas.

E os dias iam, traziam as noites e vinham, cada

um o recomeço do anterior. Como uma cobra que

morde a própria cauda.

Mas no nascer-morrer igual dos dias, há o acontecer

de massinguita: Malatana reapareceu.

Bebia-se sumo de melancia. Chegou como só

chegam os fantasmas, de madrugada, palito, dois

pirilampos no lugar dos olhos e a barba grande de

] esus Cristo.

Longe do mundo, junto dos bichos, do xuaxualhar

das chanfutas, do rumorejar dos regatos, construiu

uma cabana.

Errara por terras e terras, bisbilhotava-se, havia

cruzado o rio Maputo, tinha visto Xivimbatlelo, chegara

a Mananga, lá onde o mundo acaba e recomeça.

De volta, Malatana trouxe nos bolsos rotos o

feitiço que viraria o coração da Nyeleti.

Ganharam as bisbilhotices: Nyeleti trocou a esperança

de confortáveis cobertores, dos perfumes,

do pão grande parece almofada, as coisas boas do

.País do Rand., o lobolo que os pais aguardavam de

Folichepela tosca cabana de Malatana, perdida no

meio da selva.

Então, o Diabo começou a andar no ar, respirava-

se um ar interrogado:

- E agora? O que vai ser? ..

Uma manhã, Foliche desceu do comboio. O impacto

foi o de um anjo a cair do céu. Mas com uma

diferença: os anjos não usam navalhas.

Foliche, porque vivido na turbulência do ]oni,

trazia no sangue a raiva de um tsotsi e mataria, sem

dúvida, o rival.

Malatana, por seu turno, afiou a azagaia com a

serenidade de quem, uma a uma, junta missangas

num colar a enfiar no pescoço de um tigre.

Mais tarde, quando os dois beligerantes, nos

passos leves, felinos, se assediavam, se elevou na

selva um fio de escuro fumo.

A tarde, de cobre ardente, ficou a mais rubra; a

noite, a mais escura das noites. Houve um relâmpago

e a seguir, um ribombo que ensurdeceu o mundo.

Uma grande lágrima desceu do céu e cobriu a

terra.

O amanhecer surpreendeu o milagre de um verde

rebento no chão de brasas. Hoje, Nyeleti é um

cacto a crescer na cinza do que foi a cabana de

Malatana.

Madalena, xiluva do meu coração

*Às raparigas da minha terra natal*

Olhando dentro de mim, ainda vejo Madalena, os

seios bicudos, o sorriso rasgado nos lábios rubros de

mulala, a mostrar dentes brancos como farinha de

milho, e aqueles olhos grandes a olhar não sei como ...

olhos fundos nesse azul do céu abraçando o Índico.

De Madalena, do feitiço dos olhos de Madalena,

se abriram as primeiras pétalas deste coração.

Conheci muitos olhos, dedos macios de unhas

envernizadas, dedos de bater na máquina de escrever.

Os dedos da Madalena duros era da enxada

mas a única vez que me tocaram um pouco só,

virei pára-raio de uma electricidade que me arrebatou

a infância.

Mas era ainda minino, Madalena. Onde encontraria

as palavras adequadas, o nome da flor acesa

no meu peito?

Deixei o hino dos psindjendjendje nos capinzais,

o florir dos cajuais, a música da chuva na palha da

palhota, os dias cheios de sol, as noites de nkenguelékezé

e lendas de xitukulumukhumbas.

Mas cedo procurei-te na Lua esquecida no alto

das casas altas, por gente cruzando ruas debaixo da

luz eléctrica, numerosa e solitária.

Na Lua encontro-te naquele dia do ntumbeleluana,

escondidos, abraçados, o teu coração a ba ter no meu peito, tão quente e tão grande. Alguém

xuaxualhou no capim e gritou:

- Gungú!

É pena: foi tão pouco!. ..

Parti, Madalena. Os teus olhos não me retiveram.

Não ataram minhas pernas. É verdade. Eu parti. Porém,

depois de tanto tempo, percebo: como passarinho

que foi pegado no nembo o meu coração

ficou nos teus olhos.

Houve outros olhos, repito. O perder a cabeça

no que é novo. Mas nenhum outro Sol teve neste

peito poente seguro.

O último dia, lembras-te? Foi na estação. Chegaste,

o comboio prestes a partir.

- Vai ir, não é? Por que não fica? - pediste.

- Quer s'tudar até onde? Não chega? Quer ser

como os branco? Vai. .. vai...

Só isto! Sim, falaste pouco. O resto ficou para os

olhos.

- É manghunguê - passaste-me um embrulho:

batata-doce assada, banana, garrafa de água e uma

flor silvestre.

Foi pena: quando me juntei à janela para te dizer

adeus, o vento me arrancou a flor e, no corredor,

o revisor pisou-a.

Ainda te vi correndo ao lado da carruagem, o

lenço no vento, ferindo teus dedos pequenos, tão

lindos, nas pedras. Quando o comboio voltou a parar,

em Maciana, eu não vi Maciana, nem o fumo

da Maragra com o seu cheiro a melaço: estavas ainda

parada nos meus olhos, as mãos nas ancas, sem

querer sair. Até hoje!

Eu era minino, Madalena. Teria jogado fora os livros.

Não imagina como me doeu aquela flor pisada.

Mas há outra que não murchou e ainda dói mais:

a que floriste no meu peito.

Você me esqueceu por causa das mmmas pintadas

de Maputo, acusas-me, na tua carta.

Eu juro, Madalena: com elas tudo foi vazio. Para

mim só o teu corpo quente no ntumbeleluana. E

na minha memória ressoa ainda o apito do comboio

- que nunca o soubera tão triste - que nos separou.

A tua carta veio com o Mundau. Recordo que o

Mundau não me dava massala, não me deixava

subir na bicicleta dele, khenhava-me no dois-muda-

campo-quatro-ganha, tudo porque ele te queria e

tu me querias. E entregaste-lhe a carta, para feri-lo

ainda mais?

Sempre me sento à mesa para te responder, mas

fico não sei quanto tempo, a falar contigo dentro de

mim, o papel liso e vazio. Inútil.

Não pergunta como eu sabe 'screver; 'studar

lifabetização ... Choveu chuva. Eu fez machamba

grande. Os filhos do milho já têm cabelos como do

branco. O milho é comprido. Você não me vês na

machamba. A maçaroca mais grande vou-te guardar.

Vai vir quando? As pessoa diz por que você não

casa? O José, aquele Tchali, todos casaram. Só você.

Não é que eu quer. Eu já não serve para você que

cresceu na cidade e xitudou muinto. Mas sabe como

eu te gosta meu minino ...

Que posso dizer, Madalena? Não encontro resposta.

É que, sabes, eu sou dois ao mesmo tempo.

Sou o que estudava para ser alguém, que já não

quer ser Fabião. Fabião?!. .. Hoje é o Neves; está

atrás dos óculos e não te aperta a mão. Se o faz,

olha antes para todos os lados ...

O actual Neves aprendeu às pressas a amarrar

gravata, a comer a garfo e faca, a usar autoclismo

...

- Eu no tempo do bacalhau ... Eu no tempo do vinho tinto ... Eu no tempo da batata cozida e azeite

de oliveira ... - lamenta-se na roda de amigos.

E como sabe ter estudado muito:

- Já não há consideração! Se esta merda continua

assim, vou, abalar ...

Poderia até casar contigo, Madalena. Mas como

te aceitariam os amigos do Neves, tu, uma inculta?

Ridículo!

Mas há o outro, é o Fabião, xiluva do teu coração.

Ainda existe. Pensa em ti, na nossa gente, nas

nossas coisas, na nossa terra.

Estudar é ainda necessário. Fabião busca nos livros

o saber para forjar o ferro da tua enxada, o

cobre para as tuas pulseiras de Nhancuave, teu

nome de criança que vem dos avôs-das-avôs, para

fazer o teu sabão, o pente e sapatos para pôr e vir

no Xilunguini.

- Meus dedos 'spalhados vai furar sapatos -,

,parece-me ouvir-te dizer, brincalhona, no teu riso de

fakalamba.

Fabião sonha escrever. No papel erguer o sol

que ilumine a nossa terra embalada no ritmo do teu

pilão; os passarinhos das cores das missangas do

teu colar a cantarem para ti nos caminhos de sol dividido

nas gotas de cacimba.

E quando é que chego a Calanga? Não sei. Os

caminhos estão dificeis. O Neves não arriscaria. Mas

se a chuva volta a cair, há esperança de dias de celeiros

fartos e paz em cada Lua.

E o Fabião casará contigo? Como, se existe o

Neves? Sou os dois ao mesmo tempo. Não guarde

rancor. Serás, sempre serás a flor deste coração.

Sempre. Adeus não te digo, Madalena: meu peito é

tua morada.

As mãos da vida

Quem antes o vira passar, no seu passo trôpego,

não julgaria tratar-se do mesmo burro. Fora sempre

fantástica a visão da engrenagem dos ossos, tenaz

como se de aço fosse, debaixo da pele coçada.

A cada passo rangia; os músculos, correias dessa engrenagem,

dilatavam e vibravam; a baba escorria

pelos beiços. A carroça, carregadíssima, lá ia, ora no

pó, ora na lama, no asfalto ou no areal, rolando,

rolando, rolando.

Agora, porém, livre da carga de sempre, marchava

altivo, a cabeça erguida, digno de ser burro.

Na rua, a multidão, em destinos cruzados, afastava-

se para o burro passar. Nos quintais de caniço

e de zinco podre, podia perceber-se uma mulher

de capulanas arregaçadas, as pernas em V invertido.

O mijo morno e a água suja desciam a rua e o

mau cheiro subia na atmosfera de telhados de chapa

e lona fulgindo ao sol.

Os miúdos, brincando ou nas bichas junto ãs

cooperativas, gritavam ao ver o burro passar no seu

passo agora pedante:

- A mbongolo! A mbongoloL ..

Na carroça, o velho Gimo sorria. O sorriso largo

incendiava a lama dos olhos pequenos e fundos e

escorria pelo bigode cor de cinza: daqueles bigodes que lembram os grandes bodes emanando um cheiro

peculiar. Ia com o braço no ar acenando, enquanto

a carroça rolava, rolava e rolava.

O burro notou, com surpresa, que seguiam um

rumo novo.

Habitualmente, àquela hora, esperavam o comboio

de carga, o nwapsidjumba. Os tchova xita

duma começavam então a surgir, a proliferar, a concorrência

aumentava.

Os comboios de burros largavam de Missavene

e Mavalane, para vários destinos: Laulane, Coumponi

e Polana-Caniço, a noroeste; Hulene, a norte;

Nhagóia e Jardim, a nordeste; Xipamanine, Chamanculo,

Mafalala e Maxaquene, mais para sul. Atravessavam

assim, de ponta a ponta, a cidade de

caniço, até ao Alto-Maé e Malanga, com fardos de

mboa, ncancana, nhangana, dledlele e mathapa,

vendidos aos mantinhas, à porta do quintal, a lenha

e o carvão cada vez mais raros e caros.

E, por todas essas paragens, o alvoroço da

miudagem assinalava a passagem do burro:

- A mbongolo! A mbongolo! ...

Muitas vezes, o burro nem tinha capim para o

almoço!

Disputando o asfalto aos veículos motorizados

foi descendo a Karl Marx. No sinal vermelho, o

velho Djimo assobiou e o burro, obediente, parou.

Com os olhos no sinal, o velho via dentro de si

mesmo. Viu a mulher, seca e murcha, mas sólida

apesar dos anos, enchendo a casa com a sua presença,

resmungando por isto e aquilo, atarefando-

se aqui e acolá.

- Estou cansada da cidade, Pai do Juse - dizia

ela. - Quantas vezes eu te disse? Quantas? Não

é como no tempo em que vendias tripas ...

E o velho recorda com saudade esses tempos:

A mbongolo! ya marhumbo! A mbongolo! ya

marhumbo! ...

E a carroça rolava, parava, vendia ...

- Agora está tudo difícil. É carvão, é comida,

tudo! Até folhas murchas são dinheiro. Hoje, o que

vale esse dinheiro? Voltemos para a terra, Pai do

Juse ...

O sinal mudara para verde, os carros buzinavam,

os condutores gritavam, os olhos quase a saltarem

de fúria.

O velho, assustado, deu um bom tau-tau no

burro. O burro arrancou, quase atirando-o para trás.

A carroça lá foi, rolando, rolando e rolando.

Ao descer, o velho Djimo ajeitou o fato. Cheirava

a cânfora. Havia trinta e três anos bem guardadinho

no baú. Recordava-lhe o seu casamento, na

sua terra. Essa mesma terra, a Moamba, que o veria

agora de regresso. Mas não de mãos vazias: compraria

uma charrua, fruto de anos e anos de trabalho.

Pela primeira vez, o velho Djimo olhou o burro

com compaixão.

- Estamos velhos - falou-lhe, baixinho, afagando-

lhe o lombo. - Estamos velhos - repetiu,

num suspiro.

O burro, com os olhos húmidos, abanou o rabo,

emocionado. Era como se revivesse um duro passado

que agora chegava ao fim. Mas toda a sua vida

seria árdua. Ele aceitaria esse futuro, se pudesse

adivinhá-lo, com naturalidade. Fora sempre essa a

sorte de um burro. Nunca nenhum ousara lançar

um zurro de revolta. O zurro apenas marca o dina.

Assim, passaria de burro de carga a burro de

charrua, para o resto dos seus dias. Essa charrua que

fora o sonho que retardara o regresso à Moamba.

- Mesmo sem charrua, Pai do Juse, voltemos.

Ainda tenho mãos. De fome não morreremos - bai- lavam de novo na mente do velho Djimo as palavras

da mulher.

Sorridente, a Jandina mostrava as mãos. Mãos

endurecidas pelo tempo porque laboriosas mas que

souberam sempre transmitir calor, afecto. Essa

linguagem das mãos que se descodifica na epiderme.

Djirno, o velho Djirno, sabia que, embora a aparência

impulsiva, no fundo, naquele peito onde os

seios murcharam palpitava um coração tão grande e

tão puro como a lua cheia nas noites de cacimba,

um coração de escorrer mel no momento próprio.

Pensava nisso quando chamaram a sua chapa.

- Quanto é?

- Centi-vinti ...

Hábil, o caixa contou cento e vinte notas de mil,

novinhas em folha. Com os dedos a tremer, o velho

enfiou os maços no casaco, dirigiu-se à porta

giratória e saiu.

Foi então que aquilo aconteceu ... E por causa

daquilo, como bêbado de mbangui, apagado o

lume na cinza dos olhos fundos, indiferente ao trânsito,

se foi deixando conduzir pelo burro.

Os miúdos gritavam:

- A mbongolo! A mbongolo!

E os mais trocistas:

- A ti mbongolo! A ti mbongolo!

Dificil é explicar como, ileso, o burro foi, a trote,

sem norte, cruzando avenidas, ruas, bairros, seguindo

atalhos. Já a noite tinha caído quando

encontrou o caminho certo.

Ao chegar a casa, o velho pediu água. Bebeu

como boi e pediu mais. O líquido pingava do bigode,

a cabeça caída sobre a mesa.

- Perdi tudo, mulher - disse por fim. - Não

teremos nada... nada mesmo ...

- Tudo o quê? Nada o quê? Como?

- Eu conto-te ... Agora não ... não ...

- Conta-me, conta - pediu a Jandina, afagando-

lhe a cabeça.

Ele começou a narrar, devagar.

Eram dois homens, de casaco e gravata. Quem

diria que não eram do Banco? Gritaram:

- Eh! Pára aí!

Parou.

-. O teu cheque não está em ordem.

O cheque? Não estava em ordem? Ficou atrapalhado,

o chão tremeu. O chão ou ele?

- Dá cá o dinheiro!

Boquiaberto, passou-lhes a massa.

- Siga-nos.

Seguiu-lhes.

- Aguarde aqui! Vamos resolver com o gerente.

Ficou espetado, ·a ver navios •.

Pouco depois, de repente, uma luz vermelha no

cérebro. Correu ao balcão a gaguejar uma pergunta.

- Como eram eles? - retorquiu o funcionário.

O velho descreveu os tipos.

- Não, não são do Banco. Foste roubado,

madala, foste roubado!

- Mas entraram assim! ...

- É isso: saíram doutro lado.

Deitaram-se sem ela dizer nenhuma palavra.

Madrugou, varreu a casa, arrumou. Encheu de

roupa uma mala, de loiça um cesto, e de utensílios

um saco.

- Pai do *Juse.*

- Hiiimm ...

- Acorda. Já pus água. Despacha-te. Temos de

partir antes do sol - atacou de surpresa. - Levamos

pouca coisa. Voltaremos, para o resto.

- Jandina",

- Jandina de quê?

- Escuta, Jandina",

- Já sei o que vais dizer - disse numa voz

decidida, - Não se fala mais da charrua, Ainda

tenho mãos, Pai do Juse, Não morreremos de fome

enquanto as tiver. Estas mãos.

O velho Djimo olhou para as mãos da mulher:

mãos de amor, mãos do milho, mãos da vida. Vencera.

A princípio, o burro estranhou o rumo, Mas

cedo farejou mundos verdes onde não só teria capim

para o almoço mas também para o mata-bicho

e jantar. Até para os lanches.

O funeral do boi

José passou entre eles, veloz como uma andOrinha,

respirando com força por causa da corrida

botou a moeda suada no balcão. De querer dize;

tudo-tudo numa vez só, gaguejou:

- Cocua ... cocua ... co ... cuana mandou-me sal.

E rebuçados!

Porque o monhé era mesmo bom, não fazia

canganhiça, a gente da Manhiça fazia ali as compras

do findimês. '

Parando com a ponta dos dedos, o nariz no

balcão, José pôs-se a contar as prateleiras, bem recheadas.

Havia o habitual cheiro fermentado da

madeira húmida.

Aos dez rebuçados, o Khadir acrescentou dois

de bacela.

Contente, nem sentiu o chuvisco que entretanto

começara.

Ia mastigando os doces com gana quando, ao

dobrar o muro, viu um cachorro.

O pobrezinho gemia abandonado. José espiou

cada lado, ninguém no chuvisco.

Limpou ranho com o lombo da mão, xingue-,

renguere a tiracolo, o pacote de sal na camisa larga

amarrada no umbigo.

Tocado no coração pequeno só no tamanho,

recolheu o cachorro.

Embora a humidade do pêlo, o cachorro exalava

calor.

No peito de José crescia tal sentimento como o

despertar da Lua, pura e cheia, na noite calada de

cacimbo.

Chegou molhado; o cachorro a do=ir nos seus

braços. A avó mexia o caril de amendoim e camarão

seco pilado com a colher de pau, na cabana

cheia de fumo. Ela olhou o cachorro com uma mistura

tranquila de pasmo e desdém.

\_ Achei-o - apressou a justificar.

- É macho?

José ficou atrapalhado, o cachorro rastejando

para perto do fogo.

\_ Aqui não quero cadela. Cadela com cio é

uma vergonha.

José se recordou do mukhungakhunga de cães,

na cantina cheia de gente. Baixou os olhos.

\_ Se é fêmea, devolva - e levantando a pata

traseira, espreitou os fundos do bicho e depois ficou

calada.

- Que nome lhe dá? - perguntou ela, pouco

depois.

- Bobi! - disse prontamente.

José e Bobi tornaram-se grandes amigos. Mas

quem mantinha o cão à distância era a avó, severa,

de vara na mão, à hora do comer.

Nas noites de chuva, Bobi rodeava a palhota à

cuca da entrada, gemendo um gemido de fazer

pena.

- Cão não é gente - dizia a avó. - Seu lugar

é lá fora.

José sofria o sofrimento do amigo. O sono ficava

difícil.

Mas de manhã, ao sair da palhota, Bobi corria

ao seu encontro. Redemoinhava à sua volta, saltava

tentando lamber-lhe a cara. José evitava o beijo do

bicho enquanto ria e gritava:

- Suca! Suca!

Agarrava as patas fortes e afagava-lhe o pêlo.

Bobi serenava, concentrado na carícia.

Bobi, com o tempo, ficou um cão forte, de farto

pêlo macio, da cor das madrugadas cacimbadas.

- Raça deste cão é ximácua - dizia a avó,

satisfeita com sua conduta, sempre longe na hora da

comida, até ser chamado. Era o próprio Bobi quem

afastava as galinhas das panelas.

Na vila, ladrava para os outros cães e cheirava-

lhes o rabo - uma tradição milenar canina. Os meninos

gostavam de vê-lo, todo alegre, correndo e

saltitando atrás da bola. Era uma maravilha!

Mas tinha também a mania de correr atrás de

carros. Por isso, José evitava levá-lo à vila.

Estavam no Khadir jogando matrex que trazia o

Benfica e o Porto quando o José sentiu o pêlo do

Bobi roçando-lhe as pernas. Bobi desatou a correr,

subindo e descendo os degraus.

Foi então que passou o *Bedford,* e, zás, Bobi foi

no encalço das rodas.

Aconteceram duas coisas: Víctor, um colono que

tinha machambas, travou enquanto Bobi passava

adiante e, em seguida, acelerou. O ganido intenso

e breve do cão foi a terceira coisa. Nem se mexeu.

Abraçado ao cão esmagado, José chorou, manchando-

se com o sangue quente e abundante.

E ninguém desfez o macabro abraço. Sobrepondo-

se a todos os outros ruídos da Natureza, o lamento

do miúdo pairava como aquele vento grave na

intimidade das noites de Agosto. Lágrimas e sangue

fonnaram no asfalto caudais dispersos e indecisos.

Naquela tarde, ninguém jogou mais matrex,

o futebol, o mundlerere e até o iôiôiô. Todos os

miúdos partiram, silenciosos, para o poente.

Era o funeral do Bobi.

José, pobre Pai Natal

Uma mulher, na varanda, espera seu homem.

Quem se recorda de um casal que, numa tarde

de um dia distante, chegou montado num burrinho?

Malhangalene era, na altura, de uma geometria

de linhas tortas. Proliferavam tendas, tectos de plástico

rasgado, coberturas de lona, em zinco podre e

paredes de caniço transparentes. Débeis, toscas

barracas no caminho do vento sul. Lareiras ao relento,

ao sol e à chuva.

Terra de gente estranha, terra de gente ganha-

pào à custa do próprio suor, gente pacífica. Mas

também, Malhangalene de mabandido.

E, diariamente, chegava mais gente. Cada um

sua língua, seus costumes. Cada um suas ambições

e meios muito pessoais para realizá-las.

Cada um, sozinho no seio de tanta gente.

A baba, nos beiços do animal, olhos desmaiados,

patas a cambar, indicava que vinham de muito longe.

Nada traziam. Nos bolsos do homem, somente

um canivete *okapi,* cachimbo velho e tabaco molhado

do suor da viagem.

Com caixas de bolacha *Maria* fizeram uma casota.

O zurro do burrinho, debaixo da mafurreira que existia

ali perto - agora passa a Rua do Porto

anunciara o começo de um novo lar.

Os olhos da mulher vigiam a noite: Ah, quem aí

vem mon~ado? Não será ele? E vem sem carroça? ..

Oh, não! E um homem que traz seu filho montado

nos ombros ...

Dez da noite. Por onde andará? Nunca demorou

tanto: a tripa tem saída. Acabada a venda, vem direito.

Nunca um bar o desviou, nunca se deixou

levar por brilhos inúteis, por trilhos torpes.

A mulher entra em casa. Mas um ruído fê-la

voltar: é a vizinha que abre o seu portão. A casa

dela é o início, ou o fim, da cidade do cimento.

Quem pensava que a cidade cresceria assim? Perto

não havia fábrica, não tinha sirene. O zurro singelo

do burro marcava o dina.

- Ainda de pé, Elisa? - perguntou a vizinha.

- Nõ tem vontade, Senhora. É do José. Não sei

quando vai vir. Tentou dormir, um sonho me deu

medo.

- O que é, Elisa?

- Sonhou muito mala, Senhora.

Ela conta o pesadelo: levava uma bacia na cabeça

e gritava: Ama-rhu-mbo! Ama-rhu-mbo! Amarhu-

mbo! ... Ia a todo o lado e ninguém comprava.

Fechavam portas e janelas, fugiam dela. A bacia

crescia e pesava na cabeça. Cansada, regressou. Pôs

a bacia no chão. Oh, o que ela não viu! ...

- Em vêgi de tripa, um morto, Senhora. A rir-me

com dentes assim! ...

- Oh, Meu Deus - exclamou a vizinha, juntando-

se ao marido, no carro.

O calhambeque arrancou. Iriam à Missa de Galo?

E ali, quem vinha montado? Não seria o José?

Era ele!. .. E a carroça? ...

À luz do candeeiro da esquina, o burro virou

cavalo. Lá em cima, na sombra que caía da aba do

chapéu, os olhos do cavaleiro eram duas esferas de aço em brasa. Os braços caíam ao longo do corpo,

tenazes, metálicos. Mais abaixo, pernas compridas

desciam da sela. Eram de carvão brilhante mas cam

vigor de ferro.

A mulher não chegou a saber se o bicho que ia

ao lado era um cão ou um tigre: entrou logo em

casa. Ainda ouviu o galope, a morrer lá longe.

Mas eis que agora algo bate com força. As crianças

acordam. Ela sai. Choca com os olhos do burro.

Vai à carroça: com os braços de um Cristo

pregado na cruz, José jazia. Tinha olhos esbugalhados,

e a barba branca de Pai Natal pintada de escuro

sangue.

Foguetes riscavam o céu de Lourenço Marques.

Um grito de mulher encheu a meia-noite.

Foi no Natal de 1953.

Vovó Velina

*Malangatana Valente Ngwenya*

Vovó Velina vestia vestido de xicalamidida.

Graaande. Quando ficava cheio de vento, parecia

pano de barco. Assim navegou ela, manhã inteira,

meio mundo, a perguntar é onde peredo Tavar, aí

onde que vive meu ftlho Amesto.

Olhavam para ela. Os olhos subiam dos pés ã

cabeça que levava o cesto; da cabeça, logo fugiam

do olhar dela: fixo, parado, uma chama pequenina

e assustada lá dentro, bem no fundo. O suor descia

pelos sulcos do rosto, dum e doutro lado do nariz

amarfanhado, muito pegado ao rosto como um gala-

gala no tronco rugoso da mafurreira, com os dois

canos cheios de rapé mesmo por cima dos lábios

grossos embora murchos.

Agora, os olhos seguiam o suor a descer nas raízes

do pescoço parece escorrer de chuva no caule

de uma velha figueira. O mucume rodeava o pescoço

e fazia duas asas, como as que usam os anjos,

que desciam até aos dedos dos pés, cada dedo a

olhar para o seu lado mas solidários, irmanados no

mesmo pé, duros, rachados.

E continuavam a estudá-la. Depois, trocavam os

olhos parece a dizer não é maluca, não fugiu de

·Marracuene.? Nada diziam, metiam os ombros no

corpo. E iam. Vovó Velina, teu filho é um cesto. Amesto é um

grande cesto, um cesto de baki, ndinha, mamparra

mesmo.

Mawaco: vive no peredo onde não vai ser encontrado

com matsanga, trabalha no Banco, tem óculos

parece Datori, com fato e garavata. Mas varrer, lavar,

cozinhar, a mulher na varanda, pernas stendidas no

sol, a pintar unhas, é ser homem mesmo?

Iúúú, mbuianguana, Arnesto, rapaz de juízo, merecia

é mulher de juízo também. Por que não casou

ele aqui, na Macaneta? Terra de mininas bonita;

pilar, pilam; fazer caril de mundle, fazem! culimar

machamba de arroz é com elas. O que é que a vida

pede e elas não fazem? Nascer homens cheios de

força p'ra o Jone, p'ra Xilunguini ou mesmo p'ra o

Nkomáti é com elas também. Por que foi ele então

casar com preguiçosa de mulher, pintada parece

gala-gala, que não nasce filho? Não viu as mininas

da terra quando 'stá rir parece muintos ferro de

guereja a bater na manhã xonguile de domingo, a

boca parece xiluva por causa da mulala? Não viu

por que tem muito 'studo, por causa que elas tem

dedos 'spalhado que nem sapato entrar não entra,

tudos cheio de matope? ... Bonfeito: 'ncontrou mulher

com olho aberto, feitiçou ele, ficou 'scravo

dela ...

Assim falam as mamanas da terra ao voltar de

Xilunguini. Vovó Velina agarra teu coração. Fecha

orelhas, senão vai perder cabeça com gente.

Mas pode, com essas falas todas, o coração calar

mesmo? Só boca ficou fechada, o coração falava, de

noite muinto muinto. Era verdade, era assim mesmo,

Amesto? Arnesto, meu filho, tu não pode ser

feito xithombe, fotografia de colar no papel. Deve

é ser homem mesmo, como teu pai. No Jone, ele

torcia o pescoço dos tsotsi. Eu criou você com sofirimento. Teu pai, Malaitchi, deixou você aqui na

barriga. Eu era minina mesmo, nem as mama tinha

caído. Malaitchi nunca mais deixou esse caminho do

mugodini. Era ir, vir-ir, vir-ir ... Eu criou você com

este peito que hoje murchou, com estas mãos duras

de enxada. Ia na noite fechada com chuva, subia

Makalanhana, vendia banana no monhé. Tudo com

sofirimento. E hoje ouvir Amesto é... é ...

As palavras, amargas como água de ncancana,

era SÓ inchar no peito. Como sair? Só as lágrimas

caíam caladas como cacimbo na noite de lua cheia.

Mas só mucadinho, mucadiiinho. Porque lágrimas

de xicoxana caem é para dentro do peito. E ficam

a roer o coração. Até coração ficar 'stragado

mesmo!

Uma madrugada, com coração pesado parece

pedra no peito, 'sperou o galo cantar duas vezes,

fez meio cesto de arroz de casca, fechou com batata-

doce e folhas de abóbora, deixou a estrela

grande subir. Partiu no terceiro canto do galo.

Atravessou o Nkomáti no batelão e chegou a

Marracuene. Tinha muita gente que queria também

subir o comboio. Que comboio mamanééé!

Gente parecia passarinho. Cheio tudo-tudo. Até

em cima. Os homens subiam da janela. Até mulher

também!

Vovó Velina ficou parada só a olhar, a olhar, a

olhar. Até que os olhos ficaram cheios de chuva.

Chuva fina parece cinza. Não via nada. Olhava e

não via nada. Nada mesmo. Só cinza nos olhos cansados

e muito barulho a subir na cabeça.

Alguma coisa a empurrou. Quase queria cair.

Mas continuou ali, espetada no chão, parece xikhelekedana

ou xipantalho de pôr na machamba para

assustar passarinho.

O comboio fez pôôôm! Começou a andar. Vovó Velina, tu não vai subir comboio, tu vai mbunhar,

não vai ver Arnesto, não vai dizer meu filho deixa

de ser chinelo, de ser xithombe desta xicangalafula.

Para ti não há comboio, não. O teu comboio foi

Makalanhana que andava com lenha. Este quer

mãos, quer coluna, quer pernas, quer coração, tudos

forte. Agora tu ficou. A quem vai dizer, nwa

muyeche, tu que 'stá sozinha no mundo, que só

tem Arnesto.

Mas eis que num sopro nasceram mãos na janela

do vagão. As mãos deram asas ao cesto. Voou.

Vovó Velina sentiu anjos que a levavam ao céu. Foi

grande o seu susto que adormeceu.

Vovó Velina acorda; Vovó Velina, acorda. Acordou.

Viu um rapaz. Parece que conheço este rapaz...

Não é filho do Ngunho? Tu não é filho do

Ngunho? Eh, onde foi esse rapaz? Eu conheço ele ...

E eu, onde 'stou? ..

Um homem com calça preta e camisa branca

chegou e disse aqui é Xilunguini, desce, o comboio

termina aqui.

Ela encontrou o cesto caído. Folhas de abóbora,

nada: batata-doce nada. Agradece xicuembo: ainda

tem arroz, 'spalhado embora. Ela juntou o arroz,

grão a grão, com paciência de xindjendjendje. Foi

a última a descer.

Andou, procurou, perguntou. Em vão. Cansada,

veio ali parar. Agora as pessoas a olharem para ela,

para o seu vestido grande de xicalamidida, a perguntar

com os olhos se não é maluca, se não fugiu

de ,Marracuene', e esse Arnesto é quem.

De novo pegou caminho, a andar, a andar como

cão sem dono, um nkenho mesmo que quando

anda mete o rabo no corpo.

Andou - andou e já não aguentava mais. Sorte:

não soube de que céu caiu o anjo que chegou junto dela e disse vou-te mostrar, Vovó, o prédio

Tavares. .

O guarda do prédio queria saber Arnesto era

aquele rapaz alto, de Marracuene.

- Sim, esse mesmo. É meu filho.

- A mulher foi carretar água.

- Em cima - indicava o edifício - não sai. ..

Masseve, 'spera levador, é longe, é no décimo.

- Não, tenho medo ...

- Não, não dá medo nada. É como comboio -

mentiu o guarda.

Ela sentou-se no chão. O guarda, que era já madala

velho, disse:

- Teu filho eu conheço. Como ele, não tem

outro aqui. Regressa logo que acaba serviço. Ajuda

a mulher. ..

Ela demorou os olhos no guarda. É verdade, ele

disse depressa, ajuda mesmo. Outros chega, é só

ficar ler jornal. E a mulher a morrer de trabalho.

É bom assim, masseve? Agora é tudo difícil. A mulher

acorda madrugada p'ra bichar. Vai na bicha do

pão. Volta. Vai no bazar. Volta. Começa a cozinhar

almoço. Hei, tem sal lá embaxo! Desce. Tem resto

de bastecimento! Corre ... Não pára nada! Todo o dia

de xicuembo. Homem com juízo ajuda, masseve.

Maputo é Maputo mesmo.

Vovó Velina lembra no antigamente. Mulher fazia

todo o serviço da casa e da machamba. Serviço

do homem é no branco e no Jane. A mulher era

para ouvir, respeitar, trabalhar muinto. No tempo da

maçaroca, assar a mais grande, com dentes bonitos

e dar o homem. Fazer assim com batata-doce também.

Também com castanha e mandoinha, 'scascar

casca de dentro e não dar homem o qu'stá partido.

Ferver ovos, depois 'scascar e ir pôr com sal e piripíri.

Se é galinha ou cabrito, é preciso saber bem aqui é para o mulumusana; separar bem as partes

que é para o homem. Não enganar nada se não

quer receber porrada.

Saber donnir com homem, nascer filhos. É para

isso que xicuembo fez mulher. Ser mulher é ter

paciência no coração. Saber guentar sofirimento.

Não ir mbora quando é batido. Mas hoje, não. Nossas

filhas dizem é mancipada. Põe calça parece homem.

No caminho até homem leva bebé, a mulher

com cigar na boca - é mesmo mancipada? No meu

tempo, a mulher com bebé e cesto na cabeça, o

homem só andar de trás, com fato, cachimbo e

hop-stick. E depois tirar casaco e pendurar no ombro

da mulher. Chiça! Mulher parecia mesmo

mbongolo de carregar os saco. Era assim mesmo no

antigamente. Depois brincadeiras só mucadinho,

brincar xingombela, até o homem vir falar com o

pai e lobolar. A gente não sabia nada mesmo. Era

só ouvir este é teu marido. E se é coxo? E se morreu

um olho ... Que fazer, Velina? Era assim mesmo

...

O guarda abriu a porta do elevador.

- Sobe - disse. - Vou ir contigo para não ter

medo.

Ao sair, Vovó Velina tremia. O guarda fez força

para hão rir.

I-ma-ma-nááá! I-ma-ma-ná! I-ma-ma-nááá! I-ma-

ma-ná!

Esta é quem? É a minha nora? Vovó Velina olhava

para a mulher que vinha subindo as escadas a

gritar:

- I-ma-ma-nááá! I-ma-ma-ná!. ..

Levava uma lata de água na cabeça. Com uma

barriga de oito meses! Subia como cágado, era da

barriga grande e de estar cansada. Mas como ela ria!

- Hoyo-hoyo, mamana! Hoyo-hoyo! Era o Ernesto abrindo a porta. Tinha na mão

uma vassoura.

Uma mão foi pegada pelo Ernesto e outra pela

mulher. Entraram com ela, a rir, marido e esposa.

Vovó Velina ficou até ao terceiro dia sem saber

por que não zangou com a nora. Porquê? Não era

para vir mostrar-lhe os dentes que saiu de Macaneta,

atravessou o Nkomáti, subiu comboio e chegou

no Xilunguini.

- Mamana, não falta muito vou ter bebé. Sonhei

vai ser minina xonguile parece xiluva e xiphatiphati

parece nyeleti. Nome dela vai ser Velina.

O coração da Vovó Velina ficou cheio de mel.

Aí morreu a zanga: ao dizer aquilo, os olhos da

Zabela eram doces, olhos de rola, olhos de minina

da terra.

**Casamento de um casado**

Certa vez, a família Macie reuniu. O velho Macie,

a capulana a subir até aos joelhos, as costas a confundirem-

se com a parede de barro, fumando cachimbo,

e a velha Nguanasse, ar submisso, olhos no

chão, com casca de cana-doce riscando o chão,

esperavam o filho.

Lucas Macie chegou suado nas gangas de trabalho.

Alto como o pai, era, para a sua idade, demasiado

sério. Dobrou a coluna ao entrar na palhota e

sentou-se num banco tosco, expectante.

- Lucas - disse o velho pigarreando depois de

chupar o cachimbo -, chamámos-te para trocar

ideias. Eu e tua mãe há muito esperávamos de ti

qualquer coisa ... Achávamos que o teu silêncio significava

que ainda reflectias. Esperámos, esperámos

... nada! Sigo atentamente a tua vida. Deixa-me

interrogado. Essas reuniões, alta noite, com gente

estranha ...

A barba cerrada, denso feixe de cinzas, enfatizava

as palavras.

- Mas tudo isso, meu filho, não é o que nos

preocupa. Não nos metemos nisso. O que nos reúne

é que ... já és homem. Eu e tua mãe - apontava

a esposa com a boquilha do cachimbo - já não

temos energia, esperamos a cova.

Chupou longamente o cachimbo, os olhos pirilampando

no fundo escuro das órbitas.

- Como dizia, já és homem, Lucas. Ela - a

boquilha indicava novamente a velha - precisa de

alguém que a ajude. Penso que entendes ...

Lentamente, Lucas assentiu, com a cabeça.

A mãe riscava ainda o chão, quieta que nem

sombra.

- Que dizes? Todos aqueles que contigo fisgaram

os pássaros, apascentaram o gado, já se casaram.

- Sim pai, compreendo.

A v?Z do Lucas era pausada, mas firme.

- E também meu desejo. Nunca deixei de pensar

nisso. Mas esta vida é esta vida ... Vocês nasceram

num tempo, eu noutro. Mas do vosso ao meu

nada mudou.

A mãe deixou de riscar o chão e ficou à escuta.

- Seria bom ter um lar. Mas é o mesmo que

semear no capim. Os meus filhos não seriam meus.

Arrancá-las-iam do mesmo modo que se arrancam

os filhos à papaieira. Recordem o mano Jonasse.

Para onde o levaram? O que fizeram dele?

Os olhos da mãe ficaram húmidos e trémulos

os dedos procuraram a ponta da capu1a~a. '

- Desculpe, mãe. Não queria falar assim - disse

com brandura.

E, duro, para o velho:

- Pai, já estou casado. Casado com a luta dos

trabalhadores da Fábrica - esclareceu. - O açúcar

que produzimos é amargo. Há tanto sofrimento em

cada cristal. Pai, viverei para essa luta.

Os olhos, fundos e distantes no chupo do cachimbo,

reencontraram no fio de fumo o fio de um

pensamento.

- Que partirás um dia eu sei.

E dirigindo-se à esposa: - Deixemo-lo partir se tal acontecer. Bebeu dos

antepassados seu sangue de guerreiro. Somos sangue

de Maguiguana. Mouzinho venceu. Tiraram-nos

a terra e o gado. Isso aconteceu muinto, muinto

antes do comboio a lenha do Makalanhana. Mas o

sangue guerreiro ainda corre. Lucas não é nosso

vai-nos deixar. Mas antes, meu filho, queremos u~

neto. Se não deixas semente quem continuará a

luta? Casa, meu filho, são os teus velhinhos que to

pedem.

Lucas não respondeu, olhos pensativos.

- Podemos arranjar a pessoa. Há muitas raparigas

sossegadas por aí.

Lucas continuou calado.

- Que tal a Maria, a filha do Ngunho?

Lucas olhou o pai com espanto: como é que o

velho sabia das suas relações com a Maria?

Depois daquela reunião, as coisas entre Lucas e

Maria começaram a andar com novo ritmo. Pouco

depois, ela teve .barriga,. Assim o exigira o velho

Macie, para garantia de que a futura nora continuaria

o seu sangue.

Foi precisamente no dia do casamento essa

grande festa da terra, que um carro veio der~bando

mandioqueiras. Lucas Macie cingia a noiva e viu

o carro a chegar. Um polícia e três sipaios dirigiram-

se ao par.

- Desculpa, Maria - disse ciciando. - Não

sabia que seria hoje.

Já algemado, mas mais digno que os que o levavam

preso, Lucas explicou à multidão:

- É do meu primeiro casamento: lutar pela nossa

terra!

O regresso do morto

*Aos magaíça, va mafelandlelene* (')

Veio do poente incendiado, lá do fim do mundo,

pelo atalho dos fundos.

Foi no derradeiro canto das codornizes, no último

voo da rola, a oração das rãs nos pãntanos, a

terra cobrindo-se de sombras e de silêncio.

Os mortos, quando regressam, diziam, trazem a

cruz pesada da sua própria tumba dobrando-lhes

a coluna. Porém, nunca ninguém os viu de regresso.

Mas eis que este retorna. Uma pesada mala de

chapa no lugar da cruz. Vem arrastando um par de

botas sólidas, a poeira desenhando continentes nas

gangas suadas, o olhar sem chama debaixo do capacete:

se é que os mortos se cansam, devia estar

muito cansado.

Pôs a mala no chão. Os ossos rangeram como

os gonzos de uma porta velha, quando endireitou

a coluna. Era alto, os membros rijos um pouco arqueados

- o que lhe dava maior estabilidade sobre

o chão.

Mirou a casa, atentamente. Uma lâmina pairou

no ar como um raio e, em arco, fulminou o tronco seco. Uma mulher, entre duas palhotas, rachava lenha.

Ao fitá-la, o fogo avivou os olhos mortos.

- Hodi!

O vento devolveu ao poente a voz débil.

- Hooodii! - fez novamente, com mais ar.

O raio parou no ar. A velha voltou-se, lentamente,

e procurou o dono da voz. Depois, os olhos

esbugalhados, o corpo tremeu, o machado caiu.

- Hoyo-hoyo - o Morto esperava ouvir tal

saudação. Mas nunca ninguém desejou boas-vindas

a fantasmas.

Ficou ali, espetada, o cabelo no ar e o peito *sem*

ar.

Sete anos antes, numa tarde igualzinha àquela,

Maria, sua nora, suspendera o maço do pilão no ar

e dissera:

- Vem aí um homem.

- É quem? - a peneira parara nos dedos da

velha.

Houve a habitual ndzava, a velha queixando-se

das pernas e o homem lamentando a tosse, mas

*sem* nada de grave.

- Musés morreu na mina - infonnara o recém-

-chegado, esforçando a voz. Soubera de amigos, ele

trabalhava noutro 'compound,.

Moisés, mafundad-joni uma mocidade vendida

no contrato a sonhar com gramafone, roupas de valor,

confortáveis mantas e ricas bugigangas, o pão

de agradável odor, guardado dias sem bolor, a farinha

dissolvendo-se saborosa na boca.

Ainda pequeno, Moisés via com admiração os

magaíça desembarcando no comboio da Manhiça,

as malas cheias, os olhos brilhantes de orgulho.

E o 'País do Rand, começou a atraí-lo.

- Não vou mais à escola - decidiu. \_ O professor

bate muito. - Vais ser burro de carregar sacos - sentenciava

a mãe.

- Burro, não, mineiro. Estudar para quê?

E acrescentava com os ombros cheios:

- Volto com massónica para varrer toda a gente!

.

Partiu aos dezanove anos sem dizer adeus. Nenhuma

carta desde então. Chegada a notícia da sua

morte, a família vestiu luto. É ainda dentro dessas

roupas de dor que o Morto encontra a velhota.

Há uma força que a magnetiza. Domada por tal

poder, olhos rasgados e húmidos de emoção, avança,

passo a passo, para o Morto. Os ossos fortes

apertam-na num abraço. \_ .

- Não chores, mãe. Eu nao morn ...

Ela já havia desmaiado.

'\